

cinemateca
março de 2020

JORGE SILVA MELO - VIVER AMANHÃ COMO HOJE

JORGE SILVA MELO - VIVER AMANHÃ COMO HOJE

A escrita, o cinema, o teatro, têm sido as artes da vida de Jorge Silva Melo (nascido em 1948), homem que ocupa um lugar só dele na cultura em Portugal. Leitor, espectador, crítico, professor, autor, cronista, tradutor, ator, argumentista, realizador, dramaturgo, encenador, diretor artístico. A frase que acaba ali podia continuar substantiva. E chamar outra que referisse Lisboa, Londres, Paris, Berlim, Milão, Roma, pelo menos estas cidades, onde nasceu, estudou cinema, estagiou em teatro com Peter Stein e Giorgio Strehler, foi ator de Jean Jourdheuil, criou, trabalhou, conviveu, passeou. Em Lisboa, onde vive, integrou o Grupo de Teatro de Letras entre 1967 e 1970, fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia entre 1973 e 1979; fundou a companhia Artistas Unidos em 1995 que também ela teve várias vidas e continua. Com ele, diretor artístico e encenador frequente.

Escreveu o libreto para uma ópera – *Le château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne), de Philippe Hersant (1992). E peças – *Seis Rapazes, Três Raparigas* (1993) e *António, Um Rapaz de Lisboa* (1995), as mais recuadas; *O Grande Dia da Batalha* (a partir de *Albergue Nocturno*, Máximo Gorki, 2018), a mais recente. Entre o muito que traduziu, contam-se obras de Carlo Goldoni, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Harold Pinter, Heiner Müller. Por exemplo, *A Máquina Hamlet*, levado à cena do Teatro da Politécnica este ano, a partir de uma tradução de Jorge com Maria Adélia Silva Melo, a irmã mais velha que o apresentou em criança a círculos de pensamento

e ação cultural. São dados de referência obrigatória, os destes parágrafos, mesmo num texto não biográfico que sobretudo trata de cinema. Além de peças, publicou livros. Dois deles discorrem memórias, regressam a escritos, ziguezagueiam com o tempo – *Século Passado* (2007) e *A Mesa Está Posta* (2019), em que fala na primeira pessoa das décadas vividas a pensar e a fazer, numa insistência feliz e teimosa, diz ele. Gosta de citar versos de *O Conto de Inverno*, de Shakespeare, “But such a day to-morrow as to-day,/ And to be boy eternal.”

Espectador de cinema desde novinho, sobre cinema começou a escrever no suplemento juvenil do *Diário de Lisboa* pelos 15 anos, antes do princípio na crítica em *O Tempo e o Modo*. Sucedâneo da cinefilia e da crítica, o percurso de Jorge Silva Melo no cinema inicia-se na passagem das décadas de 1970 e 1980, a *assistir* João César Monteiro nos iniciais *Sophia de Mello Breyner Andresen* e *Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço* (1969/70), mas também Paulo Rocha (*Pousada das Chagas*, 1971), António-Pedro Vasconcelos (*Perdido por Cem*, 1972) e Alberto Seixas Santos (*Brandos Costumes*, 1974); a *colaborar* com Solveig Nordlund (*Música para Si*, 1978). Mais tarde, havia de ser argumentista de Rocha e da mais nova geração de Manuel Mozos, João Guerra, Pedro Caldas; ator, nos anos de 1980 e 90, de João Botelho, João César Monteiro, Alberto Seixas Santos, Paulo Rocha, Manoel de Oliveira, Christine Laurent, Vítor Gonçalves, José Nascimento, José Álvaro Morais ou Joaquim Pinto.

Na ficção, a solo, realizou cinco longas e uma curta-metragem

entre 1980 e 2007: *Passagem ou a Meio Caminho*, dedicado aos realizadores João César Monteiro, Paulo Rocha, António-Pedro Vasconcelos, Alberto Seixas Santos e ao professor João Bénard da Costa, um ano depois do “episódico-teatral” *E Não se Pode Exterminá-lo?* (correalizado com Solveig Nordlund, 1979); *Ninguém Duas Vezes*; *Agosto*; *Coitado do Jorge*; *António, Um Rapaz de Lisboa*; *A Felicidade*, a curta-metragem com Fernando Lopes no papel protagonista. Tem mantido um trabalho ímpar na série de retratos dedicados a artistas plásticos, principiado com *A. Palolo: Ver o Pensamento a Correr* (1995). Por ordem de entrada filmográfica até ao momento, os artistas de Jorge Silva Melo são Palolo, Joaquim Bravo, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José Guimarães, Sofia Areal, Fernando Lemos. No núcleo documental da sua obra, cabe ainda o filme sobre a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura, um retrato de Glícinia Quartin, atriz e amiga com quem muito conversou, dois títulos recentes que registam peças dos Artistas Unidos, o autorretrato *Ainda Não Acabámos, Como se Fosse uma Carta*.

Esse filme composto como uma carta a um jovem ator, que esteve para se chamar “os que vieram antes”, verte uma característica definidora do modo de estar e trabalhar de Jorge Silva Melo, um *interlocutor cúmplice* de gerações mais velhas e mais novas, um

passador vigoroso no sentido que Serge Daney deu ao termo. A memória e a transmissão são pontos justamente vitais das longas de ficção de Silva Melo, menos vistas e menos bem vistas do que seria de crer. No tempo de que foram contemporâneas, atravessaram dificuldades de ordem vária, também de receção, que em alguns casos as arredaram das salas ou da visibilidade. São filmes em que Jorge Silva Melo entende ter-se detido no “momento da escolha”, em que a vida se define, deixando de poder ser outra coisa. São filmes a que importa o tempo que passa e os momentos de passagem. São filmes secretos de palavras, paisagens, personagens, atores à flor da vida. São filmes a *rever*.

A sua obra foi alvo de uma retrospectiva em 2013 pelo Lisbon & Estoril Film Festival, altura da publicação *O Cinema de Jorge Silva Melo e os Sortilégios do Tempo*, com textos e uma extensa entrevista de Francisco Ferreira. Esta retrospectiva “Viver Amanhã como Hoje” é a mais completa apresentação da obra de Silva Melo a esta data, mostrada em simultâneo com as vinte escolhas da carta-branca de 2020.

FILMES PROGRAMADOS

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? - CENAS DE KARL VALENTIN 1, 2, 3, 4, 5: VALENTIN NAS LOJAS | VALENTIN CANTA | VALENTIN NA ORQUESTRA | VALENTIN NO TRABALHO | VALENTIN FAZ BALANÇO

de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

com Luís Miguel Cintra, Raquel Maria,
José Manuel Martins, Carlos Barreto,
Jorge Silva Melo, Isabel de Castro

Portugal, 1979 - 100 min | M/12

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? regista a encenação de uma escolha de fragmentos de peças do alemão Karl Valentin por Jorge Silva Melo. Êxito extraordinário, este espetáculo tornou-se lendário. O filme é uma produção do Grupo Zero, do Teatro da Cornucópia e da RTP, e é um dos títulos que resultaram da colaboração entre aquela cooperativa e a RTP documentando trabalhos importantes da Cornucópia (casos ainda de MÚSICA PARA SI e VIAGEM PARA A FELICIDADE, de Solveig Nordlund). A versão da encenação para registo televisivo deu origem aos cinco episódios então transmitidos na RTP, com a personagem de Valentin apresentada por dois atores no decorrer das cenas - Jorge



Silva Melo e Luis Miguel Cintra: “Valentin nas Lojas”, “Valentin Canta”, “Valentin na Orquestra”, “Valentin no Trabalho”, “Valentin Faz Balanço”.

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

de Jorge Silva Melo

com Luís Lucas, João Guedes, Diogo Dória,
Glicínia Quartim, Isabel de Castro

Portugal, 1980 - 85 min | M/12

Escrito e filmado a partir da vida e obra do escritor alemão Georg Büchner (1813-1837), à luz elétrica e à máquina de escrever, sem reconstituição histórica. Fala-se da Guerra de Espanha e de Cézanne, através da sobreposição de épocas e de citações. Mas o “fundo” - nunca nomeado - é o 25 de Abril. “À entrada dos anos 80, e no seu primeiro filme, Jorge Silva Melo deu-nos a ver a escuridão da selva. Talvez por ser tão escura - neste filme tão claro - tantos se perderam nela, não percebendo como a vida parava e como era preciso (necessário) pintá-la naquele momento.” (João Bénard da Costa)

NINGUÉM DUAS VEZES

de Jorge Silva Melo

com Manuela de Freitas, Luis Miguel Cintra,
José Mário Branco, Michael König,
Glicínia Quartin

Portugal, Alemanha, França, 1984 - 106 min | M/12

Lisboa, 1983, é a segunda das vezes para as personagens deste filme. Da primeira, na mesma cidade, em 1975, sabe-se em elipse. Em oito anos, o país está muito diferente e os dois casais protagonistas de NINGUÉM DUAS VEZES também. Uma mala sem dona no tapete rolante de um aeroporto, Lisboa como não-lugar, depois de ter sido lugar de tudo. “O que não mudou em Jorge Silva Melo - [depois de PASSAGEM] e continuou a não mudar em AGOSTO ou em COITADO DO JORGE - é a mesma saudade do romantismo, o mesmo olhar novo com que o assume. Não é por o saber passado que lhe volta as costas. É por o saber passado que o convoca.” (João Bénard da Costa)

AGOSTO

de Jorge Silva Melo

com Christian Patey, Olivier Cruveiller, Marie Carré,
Manuela de Freitas, Pedro Hestnes,
Glicínia Quartin, Isabel Ruth

Portugal, 1988 - 98 min | M/12

Jorge Silva Melo adaptou muito livremente o romance de Cesare Pavese *A Praia*. A paisagem física é a serra da Arrábida e as suas praias,



de uma luz deslumbrante e dourada no verão. As pessoas singulares que aí habitam vivem um vazio “antonioniano” que Jorge Silva Melo transpôs para o cinema português. Quando o apresentou em ante-estrela na Cinemateca em 1988, escreveu um texto que começa assim: “‘Há um minuto da vida do mundo que passa. Há que o pintar na sua realidade.’ Esta frase de Cézanne citada por Merleau-Ponty nesse livro a que há tantos anos recorro, *Sens et Non-Sens*. É isso o que quero do cinema? Minuto-vida-mundo-pintar-realidade?”

COITADO DO JORGE

de Jorge Silva Melo

com Jerzy Radziwilowicz, Ángela Molina, Manuel
Wiborg, Joana Bárcia, Glicínia Quartin

Portugal, 1992 - 101 min | M/12

Baseado num romance de Paula Fox (*Poor George*), é possível resumir o filme com o verso de Ruy Belo que lhe serve de epígrafe: “Triste é no Outono descobrir que é o Verão a única estação.” Num verão quente e repleto de incêndios, Jorge, aos 36 anos, está também a arder por dentro. Um importante título do cinema português dos anos 1990, que nunca foi estreado comercialmente, e que conta com a fotografia de William Lubtchansky. A sinopse dizia, “Poder-se-á dizer que Jorge é um homem feliz. O Jorge vai para casa. É um dia como todos os outros e há fogo em toda a zona. Nessa noite ele vai

encontrar-se com um industrial japonês, que lhe permitirá abandonar o seu cargo de professor e retomar o seu trabalho químico. No entanto, quando chega a casa encontra lá uma pessoa. Uma pessoa que ele não conhece. Um assaltante. A partir desse momento, tudo será diferente.”

A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER

de Jorge Silva Melo

Portugal, 1995 - 60 min | M/12

Primeiro de uma galeria de retratos de artistas por Jorge Silva Melo, na série que resgata a memória de alguns contemporâneos e compõe o retrato de conjunto de uma geração e das suas afinidades. Os trabalhos e o percurso de António Palolo (1946-2000) são a matéria do pessoalíssimo primeiro filme do que viria a ser uma trilogia sobre a chamada Escola de Évora, com outros dois títulos dedicados a Joaquim Bravo e Álvaro Lapa. É na primeira pessoa que o filme começa, com o realizador a assumir-se narrador do filme, realizado por altura da preparação de uma exposição no CAM em 1995, comissariada por Maria Helena Freitas. É ela quem nota o “pensamento a correr” de Palolo, “um artista com a inteligência do coração” de quem também diz: “É um impuro, não respeita uma única corrente artística.”



JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES

de Jorge Silva Melo

Portugal, 1999 - 58 min | M/6

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC, ETC, FELICIDADES é o título completo do belo documentário realizado por Jorge Silva Melo sobre o grande pintor que foi Joaquim Bravo (1935-1990). Jorge Silva Melo escreveu: “Do facto de ter realizado em 1995 um documentário intitulado A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER, nasceu a pouco e pouco o desejo de um outro documentário de carácter mais historiográfico sobre os artistas que, desde os finais dos anos 1950, começaram a impor caminhos de grande originalidade (e heterodoxia) a partir de Évora. Falo de Joaquim Bravo, Álvaro Lapa e Palolo.” Este documentário feito com material captado ainda em vida de Joaquim Bravo mostra-nos também António Palolo e Álvaro Lapa, os dois pintores que Silva Melo aproxima de Joaquim Bravo e como ele viveram em Évora.

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA

de Jorge Silva Melo

com Manuel Wiborg, Lia Gama, Paulo Claro, Sylvie Rocha, Isabel Muñoz Cardoso, Marco Delgado, Ivo Canelas, Joana Bárcia, Glicínia Quartin

Portugal, 2000 - 114 min | M/12

Adaptação cinematográfica da peça teatral

encenada cinco anos antes, no ACARTE por Jorge Silva Melo, ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA é simultaneamente um filme da geração dos atores que o interpretaram e um retrato da Lisboa dos anos 1990. O ritmo é vibrante, as cores fortes, os planos enérgicos. A sinopse oficial reza: “Um rapaz em Lisboa, nesta Lisboa em obras. As paragens de autocarro, as entrevistas para emprego, os cafés sujos, o metro de uma noite, os centros comerciais de bairro, as lojas de fotocópias, os arrumadores de automóveis, os hospitais, um encontro à chuva, as creches onde se colocam os filhos, a dura ressaca, o Corte Inglês, as cervejarias onde se mata o tempo.”

CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2004 - 55 min | M/12

Jorge Silva Melo preparou este filme para os 80 anos de Glicínia Quartin, e a sua ante-estreia teve lugar no dia do aniversário da atriz. Escreveu Jorge Silva Melo: “Gosto tanto de a ouvir falar, à Glicínia. Mas não queria que ela falasse só comigo. Por isso fiz este filme, para partilhar as minhas conversas com Glicínia Quartin”. Testemunhando a presença de Glicínia e a sua amizade com Silva Melo, é o filme de Glicínia a conversar com todos nós.



A FELICIDADE

de Jorge Silva Melo

com Fernando Lopes, Pedro Gil, Miguel Borges
Portugal, 2007 - 8 min | M/6

É o mais recente título de ficção de Jorge Silva Melo, que filma outro realizador no papel protagonista, Fernando Lopes. Sobre a curta-metragem A FELICIDADE, Silva Melo: “Um pai e um filho. O pai terá 70 anos, o filho pouco mais de 20. O filho leva o pai ao hospital. Na rádio, ouve-se música clássica: o *Exultate, Jubilate* de Mozart, cantado por Teresa Stich-Randall. Nem o pai sabia que o filho gostava de música clássica, nem o filho sabia que aquela seria a última conversa que teria com o pai. Mas Mozart pede que as almas se alegrem, que os homens rejubilem.”

A GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2007 - 88 min | M/12

No núcleo das obras sobre artistas, é o retrato de grupo de Jorge Silva Melo, respondendo a uma encomenda da CCG: fundada em 20 de julho de 1956 por um grupo de artistas e intelectuais, a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura tem uma história que parte de “um momento único de camaradagem, aprendizagem, intercâmbio, um momento

político na História das Formas”. É a história que o filme trata através de quase 30 depoimentos de conhecidos artistas plásticos portugueses: “a sua história, e as suas consequências, a sua origem nos movimentos de oposição à ditadura, numa improvisada garagem de Algés. E sobretudo, a necessidade que os artistas sentiram de aprender em conjunto, de se organizar, aprender e ensinar ao mesmo tempo.” Primeira exibição na Cinemateca.

NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2007 - 60 min | M/12

O terceiro dos “retratos de artista” com que Jorge Silva Melo resgata a memória de alguns contemporâneos é dedicado a Nikias Skapinakis (nascido em 1931), um dos maiores pintores portugueses da segunda metade do século XX. A exposição “Quartos Imaginários” no Museu Vieira da Silva, em 2006, é um ponto de partida do filme, que conta com as participações do crítico de arte António Rodrigues e do realizador. É Silva Melo quem diz sobre Skapinakis: “Há no seu riso uma acidez luminosa. Ele não ri contra, não troça. Ri, proclamando uma distância entre si e ele próprio, uma elegância, talvez seja isso a melancolia.” Em 2012, por ocasião da exposição antológica *Presente e Passado. 2012-1950*, apresentada no Museu Coleção Berardo,



Silva Melo realizou um segundo filme de curta-metragem sobre Skapinakis, intitulado NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO) em que prolonga aquilo que fez com o pintor em 2007. Em 2019, vários trabalhos depois, Nikias Skapinakis expôs em Lisboa, na Galeria do Teatro da Politécnica, e no Porto, na Galeria Fernando Santos, “Descontinuando: Pintura e Desenho 2018-2019”.

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2008 - 101 min | M/12

“Numa viagem entre Viseu e Lisboa, Jorge Silva Melo reconstituiu para o ator Pedro Gil a sua relação com Álvaro Lapa, as entrevistas que realizou com o artista, os anos passados a ver crescer uma das obras mais singulares da arte portuguesa. E a questão: o que é a literatura? Uma demorada viagem iniciática em que se revê toda a obra pictórica e literária e que termina com a declaração de Álvaro Lapa: ‘Disponível, disponível é a juventude. Mesmo que seja incapaz, incompetente, estouvada, destrutiva. Mas é disponível’.” O filme sobre Álvaro Lapa (1931-2006) é o último capítulo dedicado à “Escola de Évora”, depois dos filmes-retrato de Palolo e Joaquim Bravo. Jorge Silva Melo montou uma versão mais longa, destinada a fins expositivos ou académicos: AS CONVERSAS DE LEÇA EM CASA DE ÁLVARO LAPA (2006).

BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS DEVASTADAS

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 - 60 min | M/12

Bartolomeu Cid dos Santos (1931-2008) foi um dos muitos artistas exilados do século XX português. Radicado em Londres, ensinou na Slade School of Fine Art. Retrato de um pintor e gravador, cuja obra de extrema vitalidade mantém uma ligação profunda com Portugal. Jorge Silva Melo titula o filme a partir do célebre poema de T.S. Eliot, *A Terra Devastada* (1922) citando-o sobre imagens de atualidades da Europa trucidada pela Segunda Guerra Mundial.



-se que interessou a Silva Melo filmar, do “pintor discreto e esquivo”, “a incessante mão, a mão que escrevinha, rasura, escreve, acrescenta, pinta e apaga ou pinta e inscreve. Ou a mão que comenta, sublinha, se lembra.”

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 - 60 min | M/12

Ângelo de Sousa (1938-2011), pintor, escultor, desenhador, professor que viveu e trabalhou no Porto desde os anos 1950 conversa com Jorge Silva Melo neste retrato de 2010, filmado em Coimbra, numa exposição de escultura, em casa, no atelier, em Lisboa. “O filme parte de encontros vários com o Artista, como se fossem curtas-metragens justapostas, em que ele comenta os seus trabalhos, os métodos, a repetição das formas, as alternâncias de suportes (papel, fotografia, vídeo, metal). Inquieto, Ângelo guia-me pela sua sempre declarada alegria, impermanente conquista diária das formas simples” (JSM).

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 - 60 min | M/12

Sobre António Sena (nascido em 1941), que Jorge Silva Melo conheceu em 2003, por altura da exposição retrospectiva do pintor em Serralves, apresentada por João Fernandes como uma obra de pintura “que representa um estudo da cor, materiais e composição no contexto de uma relação entre o quadro e a escrita”. O retrato foi filmado entre 2003 e 2009, sem preocupações exaustivas e históricas. Conta com comentários de Maria Filomena Molder e João Pinharanda sobre as obras de Sena em diálogo com o realizador. Na sinopse, afirma-

FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO | ESFEROGRÁFICA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2010 – 23 min (duração dos quatro
“extras”) | M/12

FOTOGRAFIA, INFÂNCIA, CENÁRIO, ESFEROGRÁFICA são títulos dos quatro pequenos “extra” incluídos na edição dvd a apresentar em projeção como quatro curtas-metragens suplementares a seguir ao filme. Primeira exibição na Cinemateca.

ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2011 – 56 min | M/12

No momento deste retrato de Ana Vieira (1940-2016) por Jorge Silva Melo interessava à artista “o que não é dito, o que não é visto”. Silva Melo filmou e sobre o que filmou escreveu: “Mas o que não se vê (ou se vê de esquelha, espiando, deslocando o ponto de vista, recusando a frontalidade do renascimento) é o assunto principal deste trabalho intransigente. No cinema, designa-se isso por *off* e é o assunto principal de muitos dos mais belos planos. No teatro, chamou-se a isso *bastidores*, é onde morrem Jocasta e Antígona, se cega Édipo, morre Fedra. Nós só sabemos, porque, felizmente, Téramène na *Fedra* ou o Soldado no *Rei Édipo*, ecos, testemunhas, nos vêm contar. Ou porque Ana Viei-



ra, guardadora das sombras, lhes fixou a traça? Filmar o invisível, é assim um destino: filmar o rasto (rastejar?), a ausência, colocar-me à indiscreta janela (é belo o inglês, REAR WINDOW) onde passam as sombras, na caverna.” Primeira exibição na Cinemateca.

A ÁFRICA DE JOSÉ GUIMARÃES

de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

Portugal, 2012 – 57 min | M/12

Correalizado por Jorge Silva Melo e Miguel Aguiar, o filme parte da coleção de arte tribal africana de José Guimarães (nascido em 1939), cujo percurso artístico sofreu uma transformação assinalável com a estadia em Angola entre 1967 e 1974, em serviço militar. A arte primitiva africana passa a fazer parte do seu trabalho, no sentido do diálogo que o artista afirma manter com as peças que coleciona. “O Minho deu-me as cores, África o sentido do mito.” Primeira exibição na Cinemateca.

AINDA NÃO ACABAMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 78 min | M/12

É como se fosse Jorge Silva Melo por Jorge Silva Melo. O filme esteve para se intitular assim numa piscadela de olhos a JLG. JSM descreve-o como

uma carta aos que contra todas as adversidades se tornam atores. Compô-lo com imagens lisboetas, parisienses, romanas, filmando e repescando imagens já filmadas, encenando a sua própria narrativa. Convocou um sério elenco de cúmplices, amigos e atores – “os que vieram antes”, os de gerações mais novas que a sua. “É um auto-retrato (auto-filme? auto-golo) comigo de costas: para que quem veja, veja o que eu vejo. Aquilo que vejo (vi, verei) será aquilo que sou? Mas é uma carta, é a ti que quero contar, a ti, rapaz que quiseste ser ator.” Primeira exibição na Cinemateca

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 55 min | M/12

Sofia Areal (nascida em Lisboa, em 1960) é a artista da geração mais nova entre os retratados por Jorge Silva Melo que, vendo-a como um caso singular nas artes portuguesas, a foi filmando a partir de 2011. “Não se trata de um documentário retrospectivo, mas sim um filme que está ao seu lado, a seguir o seu fazer, as suas dúvidas, certezas, conquistas. Aquilo que me interessou foi ver a Sofia Areal pensar pintando, pintar pensando. Pois nela, ‘o que em mim pensa está pintando’, é o seu ofício, o dessa mão que todos os dias faz a alegria” (JSM). Primeira exibição na Cinemateca.



JOGADORES DE PAU MIRÓ

de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

com Américo Silva, Pedro Carraca, António Simão,
João Meireles

Portugal, 2017 – 68 min | M/12

A peça do catalão Pau Miró foi encenada por Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015, *Jogadores*: quatro homens, um professor, um barbeiro, um ator e um coveiro, olhados à imagem dos gansters falhados de um filme de Monicelli, numa peça por onde passa a ideia da gentrificação. O filme é uma produção Artistas Unidos/RTP, o registo filmado da peça, traduzida por Joana Frazão com cenografia e figurinos de Rita Lopes Alves. Primeira exibição na Cinemateca.

O TEMPO DE LLUÏSA CUNILLÉ

de Jorge Silva Melo

com Rita Brütt, João Meireles
Portugal, 2019 - 67 min | M/12

O *Tempo*, de Lluïsa Cunillé, foi encenado por Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015 a partir de uma tradução do texto de Ângelo Ferreira de Sousa, cenografia e figurinos de Rita Lopes Alves. Um drama para duas personagens, um homem e uma mulher. Registo da peça, o filme é uma produção Artistas Unidos/RTP. Primeira exibição na Cinemateca.



FERNANDO LEMOS - COMO, NÃO É UM RETRATO?

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2017 - 76 min | M/12

Concluído em 2018, dez anos depois de ter sido começado, o retrato de Fernando Lemos (1926-2019) por Jorge Silva Melo constrói-se a partir de uma longa entrevista feita em 2008, por altura de uma passagem de Lemos por Lisboa, e de uma outra, de 2017, em São Paulo. É o mais recente filme-retrato de Silva Melo a esta data. O de um artista que quando deixou Lisboa em 1953 para se instalar em São Paulo, no Brasil, “deixou-nos a mais impressionante galeria de retratos eu diria que desde Columbano: os seus amigos, atores, escritores, pintores que fotografou incessantemente naqueles três últimos anos que viveu em Portugal. E é pintor, gráfico, poeta” (JSM). Primeira exibição na Cinemateca.



AINDA NÃO ACABAMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA



CARTA-BRANCA 2020 A JORGE SILVA MELO

4-31 março de 2020

A acompanhar a retrospectiva da sua obra,
20 escolhas de Jorge Silva Melo em 2020. E um texto.

ODD MAN OUT

Casa Cercada

de Carol Reed

com James Mason, Robert Newton, Kathleen Ryan

Reino Unido, 1947 - 115 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Com uma atmosfera expressionista que anuncia já o seu *THE THIRD MAN*, Carol Reed encena um verdadeiro “poema fúnebre” sobre a “solidão e o peso do destino”, nesta história de um chefe político do Sinn-Fein, ferido num assalto e alvo de uma gigantesca caça ao homem. Quase inteiramente passado numa só noite, foi o filme que deu a James Mason uma das suas grandes personagens e o reconhecimento internacional antes de Hollywood.

ABISMOS DE PASIÓN

O Monte dos Vendavais

de Luis Buñuel

com Jorge Mistral, Irasema Dilian,

Lilia Prado, Ernesto Alonso

México, 1953 - 90 min
legendado em português

ABISMOS DE PASIÓN ou CUMBRES BORRASCOSAS é, sem a menor dúvida, um dos pontos mais fortes do período mexicano de Buñuel. Guillermo Cabrera Infante disse deste filme que era “um mau Brontë, mas um bom Breton”, destacando a sua dimensão surrealista. Note-se que no título da versão buñueliana de *Wuthering Heights* passamos do “monte” aos “abismos”, o que inverte todas as conotações. Apesar disso

(ou por causa disso), esta adaptação do romance de Emily Brontë é fiel ao espírito da obra, acentuando a “possessão” de Heathcliff/Alejandro na siderante cena final no cemitério (a preferida de Buñuel), nec plus ultra do *amour fou* no cinema. A apresentar em cópia digital.

BATTLE CRY

Antes do Furacão

de Raoul Walsh

com Van Heflin, Aldo Ray, James Whitmore,

Mona Freeman

Estados Unidos, 1955 - 149 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento de Leon Uris a partir do seu best-seller homónimo, *BATTLE CRY* é o filme em que Raoul Walsh volta aos palcos da Segunda Guerra Mundial, com uma visão mais distanciada e crítica sobre o conflito e os homens. Singularmente, este notável filme de guerra destaca-se menos pelas características épicas das ações dos Marines, bastante reduzidas, do que pelos retratos individuais dos militares e das mulheres que os acompanham. Na Cinemateca, não é apresentado desde 2001.

MAN OF THE WEST

O Homem do Oeste

de Anthony Mann

com Arthur O'Connell, Gary Cooper, Jack Lord,
John Dehner, Julie London, Lee J. Cobb

Estados Unidos, 1958 - 100 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O último grande western de Anthony Mann e, talvez, o mais pessimista dos seus filmes, onde deixa perceber a sensação de fim de um "mundo" e de uma forma de viver. Admirável desempenho de Gary Cooper na figura de um antigo bandoleiro regenerado e que procura auxiliar uma comunidade (o mesmo tema de BEND OF THE RIVER) acabando por reencontrar-se com o passado e ajustar contas definitivas com ele.

RIO BRAVO

Rio Bravo

de Howard Hawks

com John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson,
Angie Dickinson, Walter Brennan

Estados Unidos, 1959 - 141 min
legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

RIO BRAVO é um dos mais famosos westerns de sempre, e a obra-prima de Howard Hawks, que o fez em resposta a HIGH NOON de Fred Zinnemann. Um grupo de homens com uma missão a cumprir é o tema geral dos filmes de aventuras de Hawks, neste caso, a de manter a ordem numa pequena cidade, e levar a julgamento um assassino. Mas é também, como todos os filmes

do realizador, uma fabulosa variação sobre a "guerra dos sexos", com um fabuloso duelo verbal entre John Wayne e Angie Dickinson. Jorge Silva Melo indica-o muitas vezes como o filme entre os preferidos. Escreveu sobre ele para o catálogo *Howard Hawks* de 1990: "Se há filmes que me fizeram mal? Este. RIO BRAVO. Mal em tudo: na vida, nos amores, na profissão, quando penso em fazer um filme, quando me ponho a escrever uma história, quando vou ao cinema, naquelas horas plenas (e ainda tão raras!) em que posso filmar ou trabalhar."

ADIEU PHILIPPINE

de Jacques Rozier

com Jean-Claude Aimini, Yveline Cery,
Stefania Sabatini

França, 1962 - 106 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O mais amado dos filmes desconhecidos (a sua carreira foi atribulada, em Portugal nunca estreou) do mais raro dos cineastas da Nouvelle-Vague, Jacques Rozier, cujo percurso fulgurante nunca mais terá tido sossego, filmando desde então os mais livres dos filmes. Nunca ninguém filmou tão perto a errância da gente nova, a hesitação, os dias inseguros, os adeuses, os acasos, o peso da guerra - aqui, a da Argélia. Tudo é fresco e novo neste documento único em que a Graça visita os corpos 24 vezes por segundo. Sobre ele escreveu Jorge

Silva Melo que remata assim: "é que ADIEU PHILIPPINE é um filme de coração nas mãos, tão lindo." A apresentar em cópia digital.

CRONACA FAMILIARE

Dois Irmãos Dois Destinos

de Valerio Zurlini

com Marcello Mastroianni, Jacques Perrin,
Salvo Randone, Sylvie

Itália, 1962 - 110 min
legendado em português | M/12

É obrigatório ver este Zurlini, uma visão poética e existencialista da Itália do pós-guerra. Diz-se que "nunca se viu Mastroianni até se ver CRONACA FAMILIARE". Seguindo um escritor marxista, em luto pela morte do irmão mais novo, um filme que ronda a morte, o desespero e a possibilidade de redenção. Às sombras que perseguem a personagem de Mastroianni, Zurlini contrapõe as cores de um magnífico Technicolor.

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN

Duas Semanas noutra Cidade

de Vincente Minnelli

com Kirk Douglas, Edward G. Robinson, Cyd
Charisse, George Hamilton, Claire Trevor

Estados Unidos, 1962 - 107 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um americano em Roma, uma angústia, uma confusão, uma perdição neste melodrama sobre o cinema e vida do pós guerra, gente à deriva. A sequência do automóvel com Kirk Douglas subindo o Muro Torto é um dos

momentos mais extraordinários do mais elegante dos cineastas, e aquele em que podemos ver o que mudou na compreensão do ser humano, no conturbado início dos anos 1960.

LA BAIE DES ANGES

A Grande Pecadora

de Jacques Demy

com Jeanne Moreau, Claude Mann, Paul Guers

França, 1963 - 83 min

legendado em português | M/12

Muito longe do filme cantado que seria uma das marcas do seu cinema, esta obra-prima de Jacques Demy descreve a paixão de uma mulher pelo jogo e o seu périplo de casino em casino na companhia do amante. A realização tem a leveza e a elegância do cinema do realizador francês, mas também capta magnificamente a angústia dos jogadores e a sua neurose. Filmado a preto e branco em cenários naturais na Côte d'Azur (Nice e Mônaco), LA BAIE DES ANGES tem uma criação fabulosa de Jeanne Moreau.

THE PATSY

Jerry, Oito e Três Quartos

de Jerry Lewis

com Jerry Lewis, Ina Balin, Everett Sloane,

Keenan Wynn, Peter Lorre, John Carradine

Estados Unidos, 1964 - 101 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das obras-primas do realizador-ator Jerry Lewis, THE PATSY é uma sátira mordaz ao

mundo do cinema (o título português indica-o jogando com o felliniano OITO E MEIO, do ano anterior). Jerry retoma uma personagem semelhante à de THE ERRAND BOY (1961) no papel de um mandarete de hotel que uma equipa do mundo do espetáculo escolhe para substituir a sua estrela recentemente falecida. Um dos mais estranhos e “destrutivos” dos seus filmes da década de 1960.

GIORGOBISTVE

“Folhas Caídas” / “Outono”

de Otar Iosseliani

com Ramaz Giorgobiani, Marina Kartsivadze,

Goghi Karabadze.

URSS, 1967 - 100 min

legendado eletronicamente em português | M/12

GIORGOBISTVE (ou LISTOPAD, em russo) foi a primeira longa-metragem de Otar Iosseliani e chamou imediatamente a atenção para o seu nome na Europa ocidental (prémio da crítica em Cannes e Prémio Georges Sadoul em França). É a história de dois funcionários de uma cooperativa vinícola, um sério e leal, o outro arrivista e desonesto, e da sua relação ao longo de um conflito laboral. Tema (velado): a vida na Geórgia em tempos da URSS. Última passagem em 2008.

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS

“A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria”

de Richard Dindo

Suíça, 1970 - 99 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A partir do livro de Niklaus Meienberg,

o filme documental de Richard Dindo reconstitui a vida de Ernst S. detendo-se no seu caso político: entre 1939 e 1944, o governo suíço mandou executar 17 “traidores da pátria”, o primeiro dos quais o jovem soldado Ernst S, que seria fuzilado no cantão de Saint-Gall pelo roubo e revenda de granadas aos nazis. O filme apresenta os pontos de vistas de pessoas próximas de Ernst S., testemunhos que incluem Edgar Bonjour, tido como o historiador “oficial” da Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, refletindo as questões esgrimidas em debates posteriores sobre o papel da Suíça durante a Guerra. Há quem o alinhe com LE DOULEUR ET LA PITIÉ de Marcel Ophuls. Primeira exibição na Cinemateca.

SOLO

de Jean-Pierre Mocky

com Jean-Pierre Mocky, Anne Deleuze,

Denis Le Guillou, R.J. Chaffard,

Marcel Pérès

França, Bélgica, 1970 - 83 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Interpretando o papel principal deste seu filme *noir*, realizado após uma série de comédias, Jean-Pierre Mocky retrata a sociedade francesa da época encarando sem complacência quer a juventude de Maio de 68 quer a França de De Gaulle. A história é a de um violinista ladrão de joias que procura o irmão, chefe de um pequeno grupo de

extrema-esquerda responsável por atentados sangrentos contra a burguesia abastada. É um filme importante da filmografia de Mocky, um policial melancólico, tenebroso e romântico, como já lhe chamaram. Primeira exibição na Cinemateca.

DOLGYE PROVODY

“O Longo Adeus”

de Kira Muratova

com Zinaida Sharko, Oleg Vladimírsky,

Tatyana Mychko, Yuriy Kayurov

URSS, 1971 - 97 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado em 1971 e proibido até aos anos da Perestroika no final da década seguinte, foi o filme que revelou ao mundo a existência de Kira Muratova entre os grandes nomes soviéticos do cinema moderno. Um romance sobre o amor e a solidão através da história de uma mãe solteira, do seu filho adolescente e do pai deste, um homem que abandonou a família anos antes. Formando um díptico com KOROITKE VSTRECHI / “BREVES ENCONTROS (1967), é a obra-prima de Muratova, um filme de extremo lirismo. Zinaida Sharko compõe extraordinariamente a personagem impulsiva e frágil da mãe. A última passagem na Cinemateca data de 1997.

WANDA

Wanda

de Barbara Loden

com Barbara Loden, Michael Higgins,

Charles Dosiman, Frank Jourdan

Estados Unidos, 1971 - 102 min

legendado em francês e eletronicamente em português | M/16

Um filme feito à mão pela atriz Barbara Loden (irmã de Warren Beatty em SPLENDOR IN THE GRASS). História de uma mulher solitária e pobre na Pensilvânia, WANDA é uma experiência radical. A solidão americana, o sonho dos pobres, em carne viva. Um segredo tardiamente revelado da História do cinema, um belíssimo filme. Jorge Silva Melo escreveu sobre o filme para uma “folha” da sala do ciclo “Actor/ Actor” em 1987 e publicou o texto no livro de antologia *Século Passado*, perguntando, “Que dizer da Ferida?” Tinha-o visto em Londres, em 1971: “Vi WANDA cinco vezes nessas duas semanas em que estive em exibição. E se há coisa que nunca serei é isso para que me quiseram preparar [na London Film School], um profissional.”

IL SOSPETTO

O Suspeito

de Francesco Maselli

com Gian Maria Volonté, Renato Salvatori,

Annie Girardot

Itália, 1975 - 111 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Há quem o refira como um drama político

ambientado na Itália fascista. O argumento é coassinado por Maselli e Franco Solinas, mais conhecido como argumentista de Gillo Pontecorvo (KAPÒ, LA BATTAGLIA DI ALGERI). A história segue a personagem de Emilio, um comunista italiano radicado em Paris por confrontos políticos com camaradas do Partido uns anos antes. E que é enviado numa missão a Turim quando a detenção de militantes por denúncia começa a dizimar as fileiras da resistência. O título de trabalho era “Missione nell’Italia Fascista”, tendo a produção que haver-se com a RKO, ciosa da exclusividade do título do filme de 1941 de Hitchcock, SUSPICION. É uma das escolhas italianas de Jorge Silva Melo nesta sua cartabranca. Primeira exibição na Cinemateca.

DÉTECTIVE

de Jean-Luc Godard

com Nathalie Baye, Claude Brasseur,

Johnny Halliday, Alain Cuny

França, Suíça, 1985 - 95 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Nunca a ficção narrativa foi tão dinamitada, fragmentada, dilacerada, estrangulada, nunca as personagens deambularam tanto nos meandros de uma incompreensível história, nunca os lugares de passagem, quartos de hotel, átrios, lugares intermédios foram tanto os lugares da nossa inquietação. Da fase menos reconhecida de Jean-Luc Godard, é seguramente o seu filme mais

amargo e mais solitário até então, um adeus. Num texto sobre DÉTECTIVE, Jorge Silva Melo: “Aqui estamos na raiz da música, nas ruínas do cinema, no parti-pris que agora, tantos anos depois do PETIT SOLDAT e das citações de Ponge, é agora, moribundo, o parti-pris das sombras.”

LE RAYON VERT

O Raio Verde

de Eric Rohmer

com Marie Rivière, Vincent Gauthier, Rosette

França, 1986 - 98 min
legendado em português | M/12

Sexto e último filme da série “Comédias e Provérbios”, sob a epígrafe de um verso de Rimbaud: “Ah, que venha o tempo/ em que os corações se apaixonam!”. Uma jovem secretária não sabe o que fazer durante as férias de verão e depois de muitas hesitações vai para Biarritz, onde terá uma súbita revelação. Filmado em 16 mm, como outras “Comédias e Provérbios”, porque “em 35 mm, pode-se cair facilmente no bilhete-postal” (Rohmer), o filme tem uma deliberada estratégia de cinema “amador”. Mal compreendido quando estreou, é um filme radical, denso, luminoso.

NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP

de Abbas Kiarostami

com Hossain Sabzian, Abolfazl Ahankhah,

Abbas Kiarostami, Mohsen Makhmalbaf

Irão, 1990 - 90 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

CLOSE-UP é uma das obras-primas de Abbas Kiarostami, um filme extraordinariamente livre, complexo, mas simples à superfície. Construindo-se nos registos documental e da ficção, e refletindo sobre a natureza da imagem, o real e o cinema, segue a história de um homem desempregado que finge ser o realizador Mohsen Makhmalbaf. Num testemunho filmado para acompanhar a sua edição portuguesa em dvd, Jorge Silva Melo defendendo-o como um filme que coloca as questões fundamentais do cinema com simplicidade, nitidez, problematização: “Depois deste filme não é possível fazer cinema da mesma maneira. Ficamos a duvidar de tudo.” A apresentar em cópia digital.

VANITAS OU O OUTRO MUNDO

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Joana Bárcia, Filipe Cochofel,

Pedro Miguel Silva, João Pedro Bénard

Portugal, 2014 - 100 min | M/12

Lúgubre, insano, demente, desmesurado, cheirando a incenso e óleos, crepuscular, tétrico, fantomático, desgarrado, este filme desequilibrado, rasgado, filme roto, filme

nu, filme irredutível, dorido e cantável, imensa melodia da passagem decrescente dos dias, será o filme mais amaldiçoado do mais amaldiçoado dos grandes cineastas modernos, Paulo Rocha. A ele se aplica o que Duras dizia de Montgomery Clift: “Só espero que haja cada vez mais homens que tremem como ele.” A “folha” da Cinemateca é de Jorge Silva Melo e lá se lê: “O que me inquieta neste filme é a ansiedade, indizível ansiedade”, ou “Raríssimas vezes o cinema nos deu este negrume, este abismo no coração gelado das personagens.”

CARTA BRANCA SEM RECEITA

Jorge Silva Melo

Não me perguntem se são os melhores do mundo. Não serão, nem está aqui nenhum Lang (nem o *Beyond!* nem o *Moonfleet?* não percebes nada disto, ingrato Melo), nem nenhum Renoir (e se isso fosse, todos os Hitchcock aqui estariam), nem nenhum Ray (qual dos dois?), nem o *Europa 51*, nem o *Playtime* nem a *Gertrud* ou o *Sunrise*, nem o *A Star is Born*, nem a Claudia Cardinale entra em nenhum deles...nem o Jean Gabin (!), nem estão cá as *Seven Women*, meu último Ford (“so long, bastard!” conclui a Bancroft), pois não, não são os “melhores de sempre”, não. Nem os que levaria para a ilha deserta, onde não sei bem o que faria se nem projeccionista lá houvesse.

São filmes de que me lembro hoje assim às três pancadas (as de Molière eram sete...), filmes que me fizeram adulto, filmes que vêm de longe muitos, filmes muitas vezes vistos, pensados, sonhados, filmes tão diferentes, filmes com quem passaria esta noite se ainda houvesse com quem falar durante as demoradas noites que já vivi bem depois de fecharem os cinemas.

Sim, claro, *Rio Bravo* de Howard Hawks, o classicismo, a evidência, como se disse, a frontalidade, a perfeição, a amizade, a redenção (mas também podíamos falar de *Hatari!* e dos tempos mortos, das esperas, dos olhares cruzados, da aventura). Sim, à medida que envelheço mais sei que este filme me fez, teria eu doze anos e vi-o com o meu pai um domingo à tarde. A gota de sangue no copo de cerveja, geometria perfeita e alucinada.

Mas também gosto de filmes onde precisamente esse classicismo se estilhaça, a dúvida paira, a incerteza vence, filmes-milagre como o *Close-Up* de Abas Kiarostami, derradeiro filme daquilo a que chamámos cinema? Derradeiro capítulo, sim. (Ou esse foi o de *Man of the West* de Anthony Mann, o paisagista lírico, magoado anúncio de velhice e impotência?)

Mas eu gosto de tudo, gosto. E acima de tudo, não gosto de receitas.

Gosto de filmes de argumento (como o dilacerante *Il Sospetto* de Francesco Maselli - mas podia ser o *Runing on Empty* de Sidney Lumet) como gosto de filmes onde precisamente o argumento se esconde, quebrado (ah, como me intriga *Détective* de Jean-Luc Godard, aqueles planos das costas de Johnny Hallyday!), gosto de filmes frágeis (comigo sempre a *Wanda* de Barbara Loden, descoberto em Londres, numa tarde em que evitei académica escola), mas também de grandes produções, de filmes intensamente “de autor”, segredos mesmo (como me surpreendeu a música realmente de câmara daqueles primeiros losseliani, ou, no mesmo cinema soviético que havia no Boulevard Raspail, aquele pungente dueto mãe-filho da imensa Muratova), como gosto de filmes de produtor (ah, o *Odd Man Out* que tanto podemos dizer que é “do” competente realizador Carol Reed como do genial director de fotografia Robert Krasker, como é dos sublimes actores-sombras mais do que negras - Mason ou

Robert Newton – trabalho de equipa perfeita, tantos homens certos na noite certa, Londres para sempre sombria – mas aqui a fazer de Belfast, a funérea.

Sim, gosto de filmes arrebatados (para sempre Walsh, – e bastava o plano da morte de Tab Hunter *no Battle Cry* para sabermos que estamos com o maior cineasta, aquele que sabe o que pesa, o que dói um homem caído, ferido, morto) como de filmes elegíacos, tristes, secretos (ah, a *Cronaca Familiare* de Zurlini. Mas podia ser os *Fidanzati* do tão esquecido Olmi!), ou de filmes à beira da apoplexia (e quem diria que assim é Minnelli? Mas como resistir àquelas voluptuosas *Two Weeks in Another Town*?).

E agora ao ver a lista destes que fui escolhendo assim, enquanto os anjos da cinefilia esfregam os olhos, vejo que gosto de filmes em Scope (como são lindas aquelas sequências iniciais sobre Nantes ou Nice e, mais tarde, Cherburgo, de Jacques Demy. (Ou gosto é do VistaVision montanhoso do Mann?) Gosto de filmes com muitas cores (mas não trouxe o vestido vermelho de Cid Charrisse, *Party Girl* para sempre no Ray), gosto de pequenos filmes (mas nem um Ozu, com os diabos?), gosto de quase tudo, então quando a Harriet Andersson olha para nós, até me enfiio pela cadeira abaixo, ela viu-me e como eu a amei (mas também podia ser a Sara Montiel cantando na *Violetera* e olhando para nós enquanto fuma um cigarro, o cinema é pecaminoso, volúpia da carne...)

Gosto de musicais (e não escolhi nenhum!), gosto de *screwball comedies* (e nem uma), gosto de melodramas (e nem um), ao ser preso pela Pide em 21^º Fevereiro de 1968, tinha no bolso os

bilhetes para, nessa noite, poder ir ao Éden ver a estreia de *The Patsy* e lembro-me da cara espantada dos pides (“este caramelo gosta do Jerry das caretas?”, pensariam os malditos), gosto de tantos filmes tão diferentes uns dos outros, quase diria que, ao iluminar-se o écran, sou realmente feliz com as luzes que se apagam, as cortinas que abrem, aquelas primeiras luzes, a promessa. Sim, desde que, em menino, vi *L’Onorevole Angelina* de Zampa com a Magnani, gosto de tudo.

E devagarinho vem-me à memória aquele arrasador “*A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria*” de Richard Dindo, demorado inquérito onde o cinema é a não-representação, ruas, caminhos na floresta, o vazio. (Mas, claro, podia ser o *Gestos & Fragmentos* de Seixas Santos, admirável.)

Pois, e se nasci para os filmes a ser feitos aqui, nesta terra, por obra do Paulo Rocha (“afinal é possível!”) cujos *Verdes* ainda me incendeiam, mestre, amigo, é o *Vanitas* que aqui trago, filme esquecido, menosprezado, atirado para o lixo do consumo, filme sublime, fogo fátuo. E sei que dele gostaria esta noite de ficar a conversar com o João Bénard da Costa, meu professor. Ah, sim, porque os filmes são para depois se conversar. Estes são. Ou então antes. Durante anos, ouvi a Luiza Neto Jorge falar de um filme que vira em Paris e que nunca cá chegara nem nas viagens eu conseguira descobrir. Sim, eram as *Cumbres Borrascosas* de Luis Buñuel que só vi anos depois da morte da Luiza, uma tarde na Cinemateca, creio. E sobre o qual nunca consegui falar com ela. Ou consegui?

13 Fevereiro de 2020



**MELO, JORGE FREITAS E SILVA, n. Lisboa, 07/08/1948.
Realizador, encenador, actor, ensaísta, crítico, professor.**

Excertos de um texto bio-filmográfico de João Bénard da Costa sobre Jorge Silva Melo em 2005 para publicação em espanhol, como entrada de dicionário, no *Diccionario del cine ibero-americano: España, Portugal y América*, cuja parte portuguesa dirigiu e seria publicado em oito volumes em 2011. O texto é inédito em português e mantém a marca da datação do momento em que foi escrito, bem como a grafia. Será integralmente publicado no catálogo em preparação. Além do trabalho no cinema, no teatro e na escrita, Jorge Silva Melo tem desenvolvido um importante trabalho como tradutor.

Em 2006, Jorge Silva Melo reuniu em volume grande parte dos muitos textos que escreveu, em vários jornais e revistas, nos anos 80, 90, ou já na presente década. Chamou-lhe *Século Passado*, e, como homem do século passado e da segunda metade dele, se assume este criador que, no teatro e no cinema, continua à busca de novos rumos, com a mesma impaciência e a mesma sede de descoberta que são constantes dele em toda a sua obra no teatro e no cinema, desde os finais dos anos 60 até hoje, em quase quarenta anos de actividade frenética e insaciável. [...]

Mas quem pensar em Silva Melo como um passadista enganase redondamente. Se toda a sua obra, bem como todos os seus escritos, são atravessados (sulcados) por uma nostalgia sem remédio da cultura novecentista e do que nela se privilegiou até aos anos 80 do século vigésimo; se até o seu lado revolucionário (afirmadamente homem de esquerda) está mais próximo de 1848 ou de 1871 do que de 1936 ou de 1968, Silva Melo nunca renegou o

presente ou deixou que os olhos se lhe turvassem nas saudades do passado. No cinema, formou-se com as “nouvelles vagues” francesas, italianas ou alemãs. No teatro Strehler, Peter Stein e Botho Strauss, entre tantos outros, foram os seus mestres.

Donde, um conhecimento profundo e singular que atravessa quase tudo do muito que fez na escrita, nos palcos ou nas telas. Herdeiro – talvez o máximo herdeiro em Portugal do que o filósofo Brice Parain chamou em *VIVRE SA VIE* de Godard (1962) “la vie supérieure parce que c’est la vie avec la pensée” – Silva Melo não se fixou nessa real ou suposta “superioridade” (antes a combateu) procurando sempre a companhia dos mais novos e dos “rapazes de rua”, num lado pasoliniano que também existe nele, mas nunca esqueceu esse sonho de uma cultural universal, herdada dos vários movimentos artísticos do século XIX, e de uma *weltanschauung* que o levou a procurar em todas as artes, mesmo nas que pessoalmente não cultivou. É o homem que foi até Antuérpia, expressamente para ver se, como pretendia um escriba português, é verdade que Rubens está por detrás da obra de Cecil B. DeMille. [...] É o homem que tanto sabe de História com H grande, como da pequena história de actores e cineastas esquecidos, descobrindo em todos o que os aparenta e propondo as mais insólitas comparações, sem qualquer “impressionismo”, antes fundindo-os numa erudição pasmosa. É o homem dos mil ofícios (actor, realizador, encenador, escritor) mas sempre uno nos caminhos que trilha. [...]

Nos seus filmes perpassa (ou trespassa) a mesma dor pela mágoa sem remédio de perder-te, pela luz que havia dantes e não há nunca mais, pelos lugares e pelos percursos que encontrou e desencontrou. Mas são filmes onde não se passa no caminho sem que uma surpresa se siga a outra surpresa, sempre em torno

de um eu tão presente quanto ausente. Coitado do Jorge? Mas foi ele mesmo quem inventou esse título ao adaptar, em 1992, o romance de Paula Fox *Poor George*, numa escolha que mais parece ditada pelo título da obra do que pelo seu conteúdo, embora desse Silva Melo também se aproprie, como em tudo, para fazer uma história bem dele, ou só dele.

Presidiu às duas maiores revoluções no teatro português, nos últimos trinta e cinco anos: A Cornucópia, com Luis Miguel Cintra em 1973, os Artistas Unidos em 1995 e de Ésquilo e de Shakespeare a Brecht e Herner Müller percorreu quase tudo e interessou-se por tudo.

Mas a imagem pensativa, solitária, saudosa, a imagem que tanto procura “a expressão, a lembrança, o passado”, tem o contraponto – quase apetece dizer a contra-imagem – no actor, que às vezes se parece com Woody Allen, mas um Woody Allen truculento, vitalista, mais bobo de outras eras do que truão destas. A tal ponto que João César Monteiro, quando concebeu a personagem João de Deus, pensou nele como no único actor capaz de a encarnar. Jorge Silva Melo é que não foi na conversa (de actores sabe ele como ninguém) e deu a César o que era de César: ou seja, convenceu-o que só ele, César, podia ser João de Deus. Até esse indirecto acerto se lhe deve.

Foi ele, aliás quem escreveu num dos seus mais admiráveis textos *Actor/Actor*, para um catálogo da Gulbenkian em 87 (depois republicado em volume nos anos 90) – que “os actores são – cada actor é – uma visão do mundo”. Jorge Silva Melo, que se encenou a si próprio (no teatro) nunca se filmou a si próprio, ou seja, nunca foi, na acepção do artigo citado, *actor/actor*. Mas foi essa visão do mundo tanto em filmes de Rocha, de Oliveira ou de

César Monteiro em que foi genialmente teatral, como conseguiu *ser visão do mundo* quando levou ao cinema (ou quando elevou ao cinema) em 2000, *ANTÓNIO UM RAPAZ DE LISBOA*, peça escrita e encenada por ele e finalmente a que melhor ilumina todas as suas facetas, “enfrentando a desordem do mundo e criando-lhe uma ficção desregrada”.

Jorge Silva Melo fez estudos secundários no colégio religioso dos Maristas e no Liceu Camões. Foi suspenso do primeiro, aos 12 anos, por ter feito uma redacção em memória de Patrice Lumumba quando o mataram. “Fizeste bem, enfrentando os jesuítas (para o meu pai todos os salazes eram jesuítas) ‘podes ir ao cinema todas as tardes desses três dias de suspensão’. E fui, sessões duplas no cinema do bairro (...) Aprendi a andar por Lisboa, à caça de filmes, ao fim da linha esperava-me Ava Gardner ou Sylvia Koscina, minhas amigas.”

No Camões, seguiu um curso pioneiro de cinema, dado pelo autor destas linhas ao tempo em que foi professor dele (61-62). Licenciou-se depois em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, mas o teatro e o cinema já tinham tomado conta dele. Começou a escrever sobre cinema na revista *O Tempo e o Modo* e no *Jornal de Letras e Artes*, meio católico meio progressista. Mas o encontro decisivo foi com Luis Miguel Cintra, uns meses mais novo do que ele e ambos criaram o Grupo Cénico de Letras, onde Jorge Silva Melo se estreou como actor em *O Anfitrião* de António José Silva, em 1969, tinha 20 anos. No mesmo ano, João César Monteiro convidou-o para assistente em SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN. [...]

“Que bom não haver programa, não saber o que vai acontecer nem como se vai escrever, que bom é ver estilhaçar-se a escrita ao avançar a duração, que bom que é ir pensando, ir formando, ir escrevendo. Que bonito o gerúndio, nosso único contemporâneo.”

São palavras de Silva Melo em 2001.

Deixem-no pois ir representando, ir representando. O quê? O contentamento e a saudade, os dias de ontem e os dias de amanhã que hão-de de acabar por se parecer com ele.

FILMOGRAFIA

REALIZAÇÃO

Valentin nas Lojas (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (32')

Valentin Canta (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (25')

Valentin na Orquestra (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (43')

Valentin no Trabalho (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (29')

Valentin Faz Balanço (E Não Se Pode Exterminá-lo?), Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund / Grupo Zero, 1979 (27')

Passagem ou a Meio Caminho, Jorge Silva Melo, 1980 (85')

Ninguém Duas Vezes, Jorge Silva Melo, 1983 (106')

Agosto, Jorge Silva Melo, 1988 (98')

Coitado do Jorge, Jorge Silva Melo, 1992 (101')

A. Palolo: Ver o Pensamento a Correr, Jorge Silva Melo, 1995 (42')

Joaquim Bravo, Évora, 1935, Etc. Etc. Felicidades, Jorge Silva Melo, 1999 (58')

António, Um Rapaz de Lisboa, Jorge Silva Melo, 2000 (114')

Conversas com Glicínia, Jorge Silva Melo, 2004 (55')

As Conversas de Leça em Casa de Álvaro Lapa, Jorge Silva Melo, 2006 (160') / versão "expositiva"

A Felicidade, Jorge Silva Melo, 2007 (8')

A Gravura: Esta Mútua Aprendizagem, Jorge Silva Melo, 2007 (88')

Nikias Skapinakis: O Teatro dos Outros, Jorge Silva Melo, 2007 (60')

Álvaro Lapa: a Literatura, Jorge Silva Melo, 2008 (100')

Bartolomeu Cid dos Santos: Por Terras Devastadas, Jorge Silva Melo, 2009 (60')

António Sena: A Mão Esquiva, Jorge Silva Melo, 2009 (60')

Ângelo de Sousa: Tudo o que sou capaz, Jorge Silva Melo, 2009 (60')

Ana Vieira: E O Que Não É Visto, Jorge Silva Melo, 2011 (56')

A África de José Guimarães, Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar, 2012 (57')

Nikias Skapinakis (Continuando), Jorge Silva Melo, 2012 (23')

Ainda Não Acabámos, como se fosse uma carta, Jorge Silva Melo, 2016 (78')

Sofia Areal: Um Gabinete Anti-dor, Jorge Silva Melo, 2016 (55')

Jogadores de Pau Miró, Jorge Silva Melo, 2017 (68')

O Tempo de Lluïsa Cunillé, Jorge Silva Melo, 2018 (67')

Fernando Lemos - Como, Não É Retrato?, Jorge Silva Melo, 2017 (76')

JORGE SILVA MELO | ATOR

(além dos filmes que realiza e em que participa)

Conversa Acabada, João Botelho, 1981 (105')

Silvestre, João César Monteiro, 1981 (118')

Gestos & Fragmentos, Alberto Seixas Santos, 1982 (87') / uma voz

A Ilha dos Amores, Paulo Rocha, 1982 (169')

No Speaking, Luís Fonseca Fernando, 1984 (22?')

Le Soulier de Satin, Manoel de Oliveira, 1985 (426')

Vertiges, Christine Laurent, 1985 (111?')

Uma Rapariga no Verão, Vítor Gonçalves, 1986 (82')

Repórter X, José Nascimento, 1986 (97')

O Bobo, José Álvaro Morais, 1987 / uma voz (126')

Swing Troubador, Bruno Bayen, 1991 (86')

Das Tripas Coração, Joaquim Pinto, 1992 (67')

ARGUMENTO | COLABORAÇÃO

Sophia de Mello Breyner Andresen, João César Monteiro, 1969 / **assistente realização**

Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço, João César Monteiro, 1970 / **assistente, diretor de produção**

Pousada das Chagas - Uma Representação sobre o Museu de Óbidos, Paulo Rocha, 1971 / **assistente de realização**

Perdido por Cem, António-Pedro Vasconcelos, 1972 / **assistente de realização**

Brandos Costumes, Alberto Seixas Santos, 1974 (72') / **assistente**

Música para Si, Solveig Nordlund, 1978 (Grupo Zero, Teatro da Cornucópia) / **colaboração**

Viagem para a Felicidade, Solveig Nordlund, 1978 (Grupo Zero) / **colaboração**

O Desejado ou as Montanhas da Lua, Paulo Rocha, 1987 / **adaptação, diálogos**

Um Passo, Outro Passo e Depois..., Manuel Mozos, 1990 / **argumento**

Longe Daqui, João Guerra, 1993 / **argumento**

O Pedido de Emprego, Pedro Caldas, 1999 / **argumento**

Xavier, Manuel Mozos, 2001 / **argumento**

A Fábrica de Nada, Pedro Pinho, 2017 / **a partir de uma ideia original de Jorge Silva Melo baseada na peça De Nietsfabriek de Judith Herzberg (1997, encenada por Jorge Silva Melo em 2005)**

...

CALENDÁRIO DAS SESSÕES | JORGE SILVA MELO - VIVER AMANHÃ COMO HOJE

10 - 31 de março de 2020

Terça-feira [10] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

AINDA NÃO ACABAMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA

Portugal, 2016 - 78 min | M/12

com a presença de Jorge Silva Melo

Quarta-feira [11] 18:30 | Sala Luís de Pina

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? - CENAS DE KARL VALENTIN 1, 2, 3: VALENTIN NAS LOJAS | VALENTIN CANTA | VALENTIN NA ORQUESTRA

Portugal, 1979 - 100 min | M/12

Quarta-feira [11] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

Portugal, 1980 - 85 min | M/12

com a presença de Jorge Silva Melo

Quinta-feira [12] 18:30 | Sala Luís de Pina

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? - CENAS DE KARL VALENTIN 4, 5: VALENTIN NO TRABALHO | VALENTIN FAZ BALANÇO

Portugal, 1979 - 56 min | M/12

Quinta-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NINGUÉM DUAS VEZES

Portugal, Alemanha, França, 1984 - 106 min | M/12

sessão apresentada por Miguel Lobo Antunes

Sexta-feira [13] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 - 55 min | M/12

conversa com Jorge Silva Melo e Sofia Areal no final da projeção

Sábado [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

AGOSTO

Portugal, 1988 - 98 min | M/12

com a presença de Jorge Silva Melo

Segunda-feira [16] 18:30 | Sala Luís de Pina

A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER

Portugal, 1995 - 60 min | M/12

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES

Portugal, 1999 - 58 min | M/6

Segunda-feira [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA

Portugal, 2008 - 101 min | M/12

Terça-feira [17] 18:30 | Sala Luís de Pina

NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS

Portugal, 2007 - 60 min | M/12

Terça-feira [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

COITADO DO JORGE

Portugal, 1992 - 101 min | M/12

Quarta-feira [18] 18:30 | Sala Luís de Pina

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA

Portugal, 2009 - 60 min | M/12

ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO

Portugal, 2011 - 56 min | M/12

Quinta-feira [19] 18:30 | Sala Luís de Pina

A ÁFRICA DE JOSÉ GUIMARÃES

Portugal, 2012 - 57 min | M/12

com a presença de José Guimarães

Sexta-feira [20] 18:30 | Sala Luís de Pina

JOGADORES DE PAU MIRÓ

Portugal, 2017 - 68 min | M/12

O TEMPO DE LLUÏSA CUNILLÉ

Portugal, 2018 - 67 min | M/12

Sexta-feira [20] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA

Portugal, 2000 - 114 min | M/12

sessão apresentada por Lia Gama e Manuel Wiborg

Sábado [21] 18:30 | Sala Luís de Pina

A GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM

Portugal, 2007 - 88 min | M/12

BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS DEVASTADAS

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 - 60 min | M/12

Terça-feira [24] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ

Portugal, 2009 - 60 min

FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO | ESFEROGRÁFICA

Portugal, 2010 - 23 min (duração dos quatro "extras")

Sexta-feira [27] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

FERNANDO LEMOS - COMO, NÃO É UM RETRATO?

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2017 - 76 min | M/12

Terça-feira [31] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

A FELICIDADE

Portugal, 2007 - 8 min | M/6

CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN

Portugal, 2004 - 55 min | M/12

CARTA-BRANCA 2020 A JORGE SILVA MELO

4 - 31 de março de 2020

Quarta-feira [4] 19:00 | Terça-feira [10] 15:30

RIO BRAVO *Rio Bravo*

Estados Unidos, 1959 - 141 min / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

Quarta-feira [4] 21:30 | Sexta-feira [13] 15:30

NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP

Irão, 1990 - 90 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Quinta-feira [5] 19:00 | Sexta-feira [6] 18:30

ODD MAN OUT *Casa Cercada*

Reino Unido, 1947 - 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Quinta-feira [5] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

Segunda-feira [9] 18:30 | Sala Luís de Pina

IL SOSPETTO *O Suspeito*

Itália, 1975 - 111 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Sexta-feira [6] 15:30 | Terça-feira [10] 19:00

THE PATSY *Jerry, Oito e Três Quartos*

Estados Unidos, 1964 - 101 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Sexta-feira [6] 21:30 | Segunda-feira [30] 15:30

LE RAYON VERT *O Raio Verde*

França, 1986 - 98 min / legendado em português | M/12

Segunda-feira [9] 19:00

LA BAIE DES ANGES *A Grande Pecadora*

França, 1963 - 83 min / legendado em português | M/12

Segunda-feira [9] 21:30 | Quinta-feira [12] 15:30

GIORGIOBISTVE *“Folhas Caídas” / “Outono”*

URSS, 1967 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Terça-feira [10] 18:30 | Segunda-feira [16] 15:30

ADIEU PHILIPPINE

França, 1962 - 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Quarta-feira [11] 15:30 | Terça-feira [17] 19:00

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN *Duas Semanas noutra Cidade*

Estados Unidos, 1962 - 107 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Sexta-feira [13] 18:30 | Quarta-feira [25] 15:30

BATTLE CRY *Antes do Furacão*

Estados Unidos, 1955 - 149 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Sexta-feira [13] 19:00

VANITAS OU O OUTRO MUNDO

Portugal, 2014 - 100 min | M/12

sessão apresentada por Jorge Silva Melo

Terça-feira [17] 15:30 | Quinta-feira [19] 19:00

ABISMOS DE PASIÓN *O Monte dos Vendavais*

México, 1953 - 90 min / legendado em português

Quarta-feira [18] 21:30 | Terça-feira [24] 15:30

SOLO

França, Bélgica, 1970 - 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Quinta-feira [19] 15:30 | Segunda-feira [30] 19:00

WANDA *Wanda*

Estados Unidos, 1971 - 102 min / legendado em francês e eletronicamente em português | M/16

Segunda-feira [23] 15:30 | Quinta-feira [26] 19:00

MAN OF THE WEST *O Homem do Oeste*

Estados Unidos, 1958 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Segunda-feira [23] 21:30 | Quinta-feira [26] 15:30

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS

“A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria”

Suíça, 1970 - 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Quarta-feira [25] 21:30 | Terça-feira [31] 18:30

CRONACA FAMILIARE *Dois Irmãos Dois Destinos*

Itália, 1962 - 110 min / legendado em português | M/12

Quarta-feira [25] 19:00 | Sexta-feira [27] 15:30

DOLGYE PROVODY *“O Longo Adeus”*

URSS, 1971 - 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Sexta-feira [27] 21:30 | Terça-feira [31] 15:30

DÉTECTIVE

França, Suíça, 1985 - 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

AGRADECIMENTOS

Jorge Silva Melo, António Sena, José Guimarães, Lia Gama, Manuel Wiborg, Miguel Aguiar, Miguel Lobo Antunes, Níkias Skapinakis, Solveig Nordlund, Sofia Areal; Ana Maria Bénard da Costa, António Costa (Leopardo Filmes), Mathias Fischer (Sofia Areal Atelier), Nuno Gonçalo Rodrigues (Artistas Unidos), Pedro Borges (Midas Filmes); Otar Iosseliani, Richard Dind, Hannah Prouse (BFI), Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna), Emilie Cauquy (Cinémathèque Française), Laurence Millereux (Forum des Images), Jon Wengström, Johan Ericsson (Svenska Filminstitutet), Susana Nobre (Terratrema)

programa sujeito a alterações
preço dos bilhetes: 3,20 euros
estudantes/cartão jovem, reformados e pensionistas - > 65 anos - 2,15 euros
amigos da cinemateca/estudantes de cinema - 1,35 euros
amigos da cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262
horário da bilheteira:
segunda-feira/sábado, 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00
venda online em cinemateca.bol.pt
não há lugares marcados
informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266
classificação geral dos espetáculos: igac sala 6x2, sala dos carvalhos e sala dos cupidos: segunda-feira/sexta-feira, 14:00 - 19:30 - entrada gratuita
espaço 39 degraus | livraria linha de sombra: segunda-feira/sábado, 13:00 - 22:00 (213 540 021)
restaurante-bar, segunda-feira/sábado, 12:30 - 01:00
transportes:
metro: marquês de pombal, avenida bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745
disponível estacionamento para bicicletas
rua barata salgueiro, 39 - 1269-059 lisboa
www.cinemateca.pt





CAPA: AINDA NÃO ACABAMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA | CONTRA-CAPA: AGOSTO